

Graça Aranha e as origens do Modernismo

SÍLVIO ELIA

Prof. de Língua e Literatura Latina da UFRJ

1. Chama-se **Modernismo** no Brasil ao movimento literário que, surgido na década de 20, reagiu contra os cânones estéticos dominantes do Parnasianismo e do Simbolismo e pregou uma renovação radical na temática e no estilo, que não teriam outros limites além da liberdade criadora do artista.

Já anteriormente se havia ensaiado a aplicação do termo a outra fase de nossa evolução cultural. Em sua **História da Literatura Brasileira** (1ª ed. 1916), assim abre José Veríssimo o Cap. XV, intitulado **O Modernismo**:

*O movimento de idéias que antes de acabada a primeira metade do séc. XIX se começara a operar na Europa com o positivismo comtista, o transformismo darwinista, o evolucionismo spenceriano, o intelectualismo de Taine e Renan e quejandas correntes do pensamento, que, influinto na literatura, deviam pôr termo ao domínio exclusivo do Romantismo, só se entrou a sentir no Brasil, pelo menos, vinte anos depois de verificada a sua influência ali.*¹

Referia-se, portanto, aos ideais e idéias literárias e filosóficas do que depois se consagrou entre nós com a denominação de Naturalismo. Por conseguinte a designação de **Modernismo** para rotular esse movimento finissecular não vingou entre nós.

Talvez convenha lembrar que esse sentido anti-romântico do termo foi o que se tornou corrente entre os historiadores da Literatura Espanhola. Gayol Fernandez, p. ex., assim se exprime:

O Modernismo representa no campo literário uma reação necessária contra o excesso de grandiloquência e sentimentalismo bastante cho-rão dos românticos, já em vias de decadência na segunda metade do sé-

*culo passado. Ao predomínio do fundo (Romantismo) sucede com efeito o da forma (Modernismo), com verdadeira orientação preciosista*².

Com a habitual precisão, o prof. Afrânio Coutinho também achou prudente marcar a distinção semântica entre os dois Modernismos, o espanhol e o luso-brasileiro. Disse então:

*Entre os povos de língua portuguesa, “Modernismo” é o movimento de após a Grande Guerra de 1914-1918, nascido em reação contra o estado de decadência parnasiana. Já nas literaturas espanhola e hispano-americanas, Modernismo designa o movimento surgido nas duas últimas décadas do Século XIX, no Novo Mundo e irradiado para a Espanha, fundindo tendências simbolistas e parnasianas, individualistas e decadentistas, realistas e idealistas, intimistas e místicas, provincianas e cosmopolitas, e que ocupou uma larga área daquelas literaturas, com Rubem Dario à frente. Corresponde ao pré-rafaelismo inglês e ao impressionismo francês*³.

Isso para ficarmos no terreno literário⁴.

2. O Modernismo entre nós foi, e não poderia deixar de sê-lo, de importação européia. A princípio o nome mais usual foi o de **Futurismo**, como era chamado o movimento fundado e comandado pelo italiano Marinetti. Não se pense, porém, em influência direta da Itália, que foi exceção e não regra. Estava então no auge a hegemonia cultural francesa, e Paris se tomara a Meca de todo intelectual bem sucedido ou à cata de êxito. O próprio Manifesto Futurista, de Marinetti, foi publicado pela primeira vez em francês e em Paris, no número do **Figaro** de 20 de fevereiro de 1909. “O manifesto (que depois foi divulgado em italiano pela revista **Poesia**)”, comenta o escritor Gilberto de Mendonça Teles, “ocupou as primeiras colunas do jornal que o apresentou nos seguintes termos:

O Sr. Marinetti, o jovem poeta italiano e francês de talento notável e arrebatado que retumbantes manifestações fizeram conhecido em todos os países latinos, seguido de uma plêiade de discípulos entusiasmados, acaba de fundar a Escola do “Futurismo”, cujas teorias ultrapassam em audácia todas as das escolas anteriores ou contemporâneas.”⁵

Mas, além da corrente futurista, que marcou tão profundamente os primórdios do Modernismo brasileiro, outras também se fizeram sentir todas de origem francesa: o cubismo, o dadaísmo, o surrealismo. Péricles Eugênio da Silva Ramos assinala tais influências em Mário de Andrade:

*Mário de Andrade confessou que foi levado “em principal pelas Villes Tentaculaires de Verhaeren, que concebeu fazer um livro de poesias modernas, em verso livre” sobre São Paulo: a Paulicéia Desvairada*⁶. *Mas se alguém se der o lazer de verificar os nomes que cita em A Escrava que não é Isaura (redigida em abril e maio de 1922) verá que arrola cubistas como Apollinaire, Max Jacob e André Salmon, e até os menos ortodoxos Blaise Cendrars e Jean Cocteau, dadaístas como Tza-*

ra, Francis Picabia, Paul Dermée, isso sem falar nos autores mais ou menos avulsos ou de outras nacionalidades: até T.S. Elliot, depois tão famoso, já era trazido à baila por Mário, que possuía de fato leitura extensa e atualizada ⁷.

O Modernismo foi, portanto, mais um movimento de importação francesa em nossas letras. O próprio Futurismo era gaulês e não romano. Ou, na expressão insuspeita de Luciana Stegagno Picchio: “In Brasile il tramite è sempre la Francia quando le notizie non giungono direttamente dall’Italia”. ⁸

3. Determinada, portanto, a origem francesa do Modernismo/Futurismo, cabe indagar da sua via de penetração no Brasil. Nesse particular há um nome e uma data a que os autores habitualmente se reportam. É, p. ex., o que ensina Mário da Silva Brito:

Regressando da Europa, em 1912, Oswald de Andrade fazia-se o primeiro importador do “futurismo”, de que tivera apenas notícia no Velho Mundo ⁹.

A “notícia” a que se refere Silva Brito é, sem dúvida, a publicação do **Manifesto Futurista**, em 1909. Informa-nos também o autor dos **Antecedentes da Semana de Arte Moderna** que, nesse ano de 1912, sob as sugestões do ambiente europeu, compusera a Oswald de Andrade um poema em versos livres, cujo original se perdeu. Intitulava-se: “Último passeio de um tuberculoso pela cidade, de bonde”. No entanto, só em 1922 viria a lume o seu primeiro livro, o romance **Os Condenados**.

Contudo há outra personalidade que se embebeu na Europa da atmosfera modernista e a transplantou ao Brasil, quando aqui retornou após o recesso diplomático: o maranhense Graça Aranha. Vai-se acentuando hoje uma tendência para apresentá-lo como um parvenu do movimento, a que teria emprestado o prestígio de sua glória encanecida, mas sem que dele tivesse realmente participado e sem que houvesse recebido dos jovens rebelados o acatamento a que pretendia fazer jus. Para essa imagem muito concorreu a hostilidade de Mário de Andrade, que não suportava a idéia de se atribuir a Graça Aranha a chefia do movimento, como ele próprio dizia. No capítulo sobre “O Movimento Modernista”, dos seus **Aspectos da Literatura Brasileira**, lê-se, p. ex.:

E eis que Graça Aranha, célebre, trazendo da Europa a sua Estética da Vida, vai a São Paulo e procura nos conhecer e agrupar em torno da sua filosofia. Nós nos ríamos um bocado da Estética da Vida que ainda atacava certos modernos europeus da nossa admiração, mas aderimos francamente ao mestre (o grifo é meu) ¹⁰.

Ora, ainda que combatido por certos espíritos da ala conservadora, a verdade é que Graça Aranha era um nome respeitável, que jamais os próprios modernistas tentaram levar ao ridículo. Na culta Europa gozava de bom conceito e, como observa Luciana S. Picchio, Marinetti não se escusou de colocá-lo ao lado de B. Croce em seu manifesto “Per una Società di Protezione delle Machine”. Eis o texto transcrito pela Mestra italiana:

O Futurismo já foi definido pelos filósofos como “misticismo da ação”, por Benedetto Croce como “anti-historicismo”, por Graça Aranha como “liberação do terror estético”, por nós como “orgulho italiano renovador”, fórmula de “arte-vida original”, “religião da velocidade”, “máximo esforço da humanidade para a síntese”, “higiene espiritual”, “método de criação infalível”, “esplendor geométrico veloz”, “estética da máquina”.¹¹



Graça Aranha

Mas também entre nós o seu prestígio era grande. Mário da Silva Brito, nos *Antecedentes*, transcreve o juízo de dois dos mais eminentes próceres do Modernismo, ambos paulistas: Menotti del Picchia e Cândido Mota Filho — Diz o primeiro:

Entre os da geração velha, não há negar a vitalidade e vigor em espíritos claríssimos como o de Afrânio, Graça Aranha e outros mais, cuja mocidade se eterniza com vigor capaz de aderir à formidável reação literária que se pressente. ¹²

Em crônica seguinte, Menotti del Picchia apresenta-o como “um dos espíritos mais fúlgidos da nossa raça”.

Quanto a Cândido Mota Filho, em longo artigo posterior, faz o elogio precisamente da *Estética da Vida*, da qual diz: “Vem com um livro primoroso que, mais ainda, o solidifica no templo altíssimo da glória”. ¹³ Positivamente, não se trata de um Autor de quem se possa “rir um bocado”. Irreverência de moços, sim, desprezo sarcástico, não.

Também não foi Graça Aranha um “adesista” da penúltima hora, que tivesse chegado para se apossar de um penacho que não era seu. Tristão de Athayde, em artigo de 1952, no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, intitulado *Ano Zero* (a informação é de Afrânio Coutinho), dá o testemunho de que já em 1913, em Paris, fizera-lhe Graça Aranha, do ponto de vista de uma reforma ou revolução literária, “um verdadeiro apelo, o mesmo afinal, apenas em palavras muito mais íntimas, que ele faria à Academia onze anos depois”. ¹⁴

No que diz respeito, aliás, à participação de Graça Aranha no movimento, a contribuição de Afrânio Coutinho é muito esclarecedora. Convém ouvi-lo:

Ao regressar ao Brasil, em outubro de 1921, como embaixador aposentado, vinha o autor de Canaã imbuído das aspirações renovadoras, que, já em 1913, revelara a Tristão de Athayde e Rodrigo Otávio Filho, como ficou assinalado acima. Traz pronta A Estética da Vida lançada em 1921, e considerava o livro uma espécie de manifesto revolucionário. ¹⁵

Notem-se as datas. No ano seguinte iria realizar-se em São Paulo a *Semana de Arte Moderna*, e o dedo de Graça Aranha, padrinho do dinamismo objetivista, certamente fez-se sentir. É, aliás, o que está explícito nesta notícia de *O Estado de São Paulo*:

Por iniciativa do festejado escritor, sr. Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras, haverá em S. Paulo uma “Semana de Arte Moderna”, em que tomarão parte os artistas que, em nosso meio, representam as mais modernas correntes artísticas. ¹⁶

Percebe-se que o prestígio e a sedução pessoal do vibrante diplomata, senhor dos segredos e das tendências das novidades literárias européias, haviam empolgado o movimento. Mais cedo ou mais tarde, as ciuçadas teriam de explodir. E ninguém foi mais picado na vaidade que Mário de Andrade. O

trecho da carta de Mário a Graça Aranha, transcrito por Afrânio Coutinho,¹⁷ é de penosa rudeza. Afí diz Mário ao velho lutador maranhense, entre outras coisas: “você confundiu a função de orientador com a de tiranete e chefe político de comarca”; “Deixo de lado o zelo com que foi protestar na redação de *A Noite* contra a chefia do Modernismo que em hora errada lá se lembraram de me dar”; “Eu fui dos que mais custaram a se convencer de que você, mal vindo da Europa, se meteu no Modernismo brasileiro por interesse pessoal e não pelo desejo de ser útil”. Como se vê, era grande a irritação de Mário. Em outro tópico, dizia Mário de Andrade que “as datas estavam af”. Vamos, pois, às datas.

4. Em primeiro lugar, observemos que, embora de importação, havia no Brasil correntes mais ou menos predispostas à aceitação do Modernismo. O Parnasianismo, p. ex., não seria uma delas. Já o mesmo, porém, não se dirá do Simbolismo.

Em sua *Introdução à Literatura no Brasil*, Afrânio Coutinho fala com razão nos antecedentes brasileiros do movimento. E comenta:

*Tem sido, aliás, um pouco subestimada a fase anterior ao Modernismo. Na verdade, foi durante ela que germinaram as sementes do movimento estourado em 1922. O modernismo não surgiu de vez em 1922, e em bloco.*¹⁸

A essa fase de transição Tasso da Silveira chamou de “sincretismo”, caracterização justa para Afrânio Coutinho.

E aqui o primeiro grande nome a citar é precisamente o de Graça Aranha, com o seu romance *Canaã* (1902). A propósito da inauguração de um busto do escritor na Academia Brasileira, Tristão de Athayde dizia que então se comemorava “ao mesmo tempo, um livro, uma personalidade e um acontecimento”.¹⁹ O livro era exatamente o seu romance de estréia, “porque Graça Aranha continua a ser, até hoje, o autor de *Canaã*”.

A respeito da repercussão dessa obra, assim se externou Luciana Stegagno Picchio:

*E é por essa “mensagem” de romance ideológico que Canaã será elevado pelos jovens modernistas a bandeira do seu movimento.*²⁰

Dentro do movimento simbolista, muito importante por causa de sua posição como surrealista *avant la lettre*, foi Adelino Magalhães, com *Casos e Impressões* (1916) e *Visões, Cenas e Perfis* (1918). Manuel Bandeira ensaiou em primeiro lugar o verso livre entre os modernistas e por isso foi apontado pelo próprio Mário de Andrade como “o São João Batista do Modernismo”.²¹ Em *A Cinza das Horas*, livro entre parnasiano e simbolista, João Ribeiro notara, com razão, um ritmo algo diferente do tradicional. Mas é ao livro de poemas *Carnaval*, de 1919 (note se o título), que pertence a famosa sátira *Os Sapos*, dirigida contra os poetas parnasianos, poema pelo qual os modernistas se tomaram de amores, salientou o próprio Manuel Bandeira. Nem se pode omitir a publicação de *Carrilhões*, de Murilo Araújo, em 1918.

De propósito só fizemos menção de trabalhos anteriores a 1920. Não pudemos incluir Oswald de Andrade, porque o seu poema “Último passeio de

um turbeculoso pela cidade, de bonde” nunca foi publicado – e, portanto, literariamente inexistente – e também porque o seu livro de estréia, **Os Condenados**, é de 1922. Quanto a Mário de Andrade, publicou realmente em 1917, com o pseudônimo de Mário Sobral, um livro de versos **Há uma Gota de Sangue em cada Poema**, inspirado nas dores sangrentas da 1ª Grande Guerra. Era um trabalho de fundo simbolista. Só em 1922 explodirá dentro do Modernismo com a sua **Paulicéia Desvairada**. Note-se que já então (1921), Graça Aranha lançara a **Estética da Via**, o seu manifesto futurista.

Isso mostra também como o Rio de Janeiro, desde a primeira hora, se deixou impregnar pelo espírito de renovação do Modernismo. Houve antes concomitância que primazia de uma cidade sobre outra. Ainda aqui são judiciosas estas palavras de Afrânjo Coutinho:

Estava criado o clima para a eclosão do movimento, no Rio talvez mais acentuado no terreno literário, em São Paulo no campo artístico, o Rio mais propenso à transformação evolutiva, ao passo que em São Paulo à revolução. ²¹

Cabe, contudo, ponderar que, tanto lá como cá, o clima da rutura modernista era naturalmente, por assim dizer, revolucionário.

Como já notou Alceu Amoroso Lima ²³, do ponto de vista espacial, a Literatura Brasileira tem, ao longo do tempo, girado em torno de eixos que se deslocam progressivamente para o Sul. “Até o século XVIII, quase que só houve literatura do Norte.” Pensava certamente Mestre Alceu nas chamadas Escola Pernambucana (séc. XVI) e Escola Baiana (séc. XVII). “Vemos no fim do século XVIII o primeiro deslocamento forte para o centro, com o aparecimento do núcleo de poetas mineiros”. No séc. XIX é o Rio de Janeiro que assume a liderança cultural do país e na então capital é que se desencadeiam os movimentos romântico, naturalista e simbolista. Na lógica da progressão, São Paulo deveria assumir mais cedo ou mais tarde essa posição matricial. E assim, de certa forma, ocorreu, mas não totalmente, pois o Movimento Modernista se processou em função do eixo Rio-São Paulo. Não podemos deixar, contudo, de salientar o caráter mais irradiante do Rio de Janeiro, pois no princípio do século ainda era o centro cultural do país (situação que hoje comparte com São Paulo). Com a ressalva que acabamos de fazer, têm toda a procedência as seguintes observações de Ledo Ivo:

O modernismo paralelo, ocorrido no Rio, indica a presença de um laboratório carioca que alimentou a mudança de 1922. E, ao contrário do que teorizou Mário de Andrade, a escolha de S. Paulo como palco da Semana de Arte Moderna não terá decorrido do espírito provinciano da então Capital da República, ontem e hoje (e sempre) o principal e mais dinâmico centro de captação e irradiação culturais do Brasil. “O Rio é o tambor”, costumava dizer Getúlio Vargas sobre o papel desta cidade-Estado. ²⁴

Relembre-se aqui que a própria **Semana de Arte Moderna** não teve a repercussão nacional que se julgou possuir. É conhecida, p.ex., a afirmação de

José Lins do Rego de que, para os escritores jovens do Nordeste, A Semana de Arte Moderna não existiu.²⁵

Ora Graça Aranha vivia no Rio de Janeiro e foi no Rio principalmente que exerceu a sua ação proselitista. Desta nenhuma ecoou mais intensamente do que o discurso-bomba proferido na Academia Brasileira de Letras em 1924. 5. Fizemos acima alusão a um artigo de Tristão de Athayde em que o crítico do Modernismo dizia, por ocasião da inauguração de um busto de Graça Aranha, que a Academia comemorava ao mesmo tempo um livro, uma personalidade e um acontecimento. O livro era *Canaã*; a personalidade, o homem; e o acontecimento, a memorável sessão de 19 de junho de 1924.

Tristão de Athayde, que conheceu Graça Aranha e com ele conversou, está, melhor do que ninguém, indicado para traçar o perfil dessa figura singular das letras brasileiras. Por isso valer-me-ei de dois artigos seus: o primeiro intitula-se *O Modernismo* e foi publicado em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, de 3 de dezembro de 1944; o segundo, *Recordando Graça Aranha*, estampado no mesmo periódico, apareceu no domingo seguinte. São do primeiro artigo as seguintes transcrições:

Nesta primeira fase o modernismo brasileiro encontrou em Graça Aranha seu chefe e condutor.

Mas, se nada encontramos do espírito de Graça Aranha na fase em que, a literatura brasileira contemporânea passou a ser construtiva, é inegável que a sua influência foi enorme no período polêmico e destrutivo desta época, que é exatamente aquele compreendido pelo movimento modernista.

E do segundo artigo:

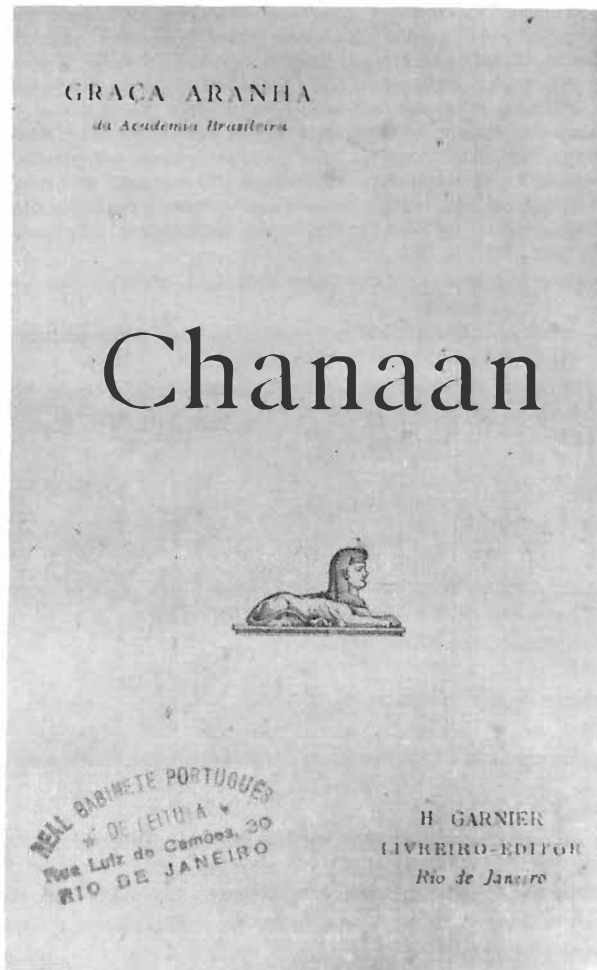
A personalidade de Graça Aranha concorreu sensivelmente para que a geração de 1920 o considerasse como um dos seus, o único dos filhos da velha geração que, no momento da rutura de 1922 e 1924, ficou com os novos.

Estou aqui, estou revendo a cena memorável, a que acidentalmente me vi ligado de tão perto e que ficará para sempre gravada em nossa história literária como sendo "a noite de Hernani" do Modernismo brasileiro. Graça Aranha, de roupa cáqui, como um jovem, subindo à tribuna, sorridente, num ambiente de expectativa eletrizante, e deixando cair, no meio dos seus companheiros de geração e de cenáculo, impacientes e irritados, e cercado de adolescentes ou marmanjos das novas classes entusiasmadas e veementes, sentenças explosivas.

Em vão tenta Gustavo Barroso, presidente em exercício, pôr ordem na sala. Esgota a paciência. Levanta-se impetuosamente, deixando a sala, e a sessão prossegue pelos corredores e saguões. Um grupo de amigos de Graça Aranha o cerca, alguns dos que citara como fazendo parte dos novos que surgem e outros ainda anônimos. Em dado momento, vemos Coelho Neto que sai da sala das sessões carregado em triunfo. Imediatamente fazemos o mesmo com Graça Aranha. E saímos com ele em charola, exultante, eufórico, para o pátio exterior, onde o restituímos tranqüilamente ao solo, encantado com tudo aquilo, tendo alcançado,

sem dúvida, o momento culminante de sua vida que, muito mais do que uma obra literária, do que uma revolução política ou mesmo do que uma estirpe de sangue, queria deixar um gesto.

Parece, pois, não haver dúvida de que Graça Aranha, pelo fascínio de sua personalidade, pela audácia e brilho de suas intervenções na vida cultural brasileira, pelo prestígio de um nome já intelectualmente consagrado, marcou profundamente a trilha literária de seus contemporâneos. Pode não ter deixado uma obra que correspondesse aos cânones estéticos que tão ardorosamente defendia. Mas, se na fase heróica de nosso movimento modernista, houve um chefe, esse foi sem dúvida Graça Aranha.



- 1 VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1929 (3ª milheiro), p. 337.
- 2 GAYOL FERNANDEZ, Manuel. *Teoria Literária*. Havana, Cultural S.A., 1952, 2ª vol., p. 372
- 3 COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959, p. 270-71.
- 4 Em sentido religioso, como se sabe, denomina-se Modernismo o movimento ideológico que, no século passado, tentou infiltrar no corpo doutrinário da Igreja Católica certas teses oriundas do espírito liberalizante da época. Condenou-o Pio IX na Encíclica *Quanta cura* complementada pelo *Syllabus*.
- 5 TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*, Petrópolis, Editora Vozes, 1972, p. 60.
- 6 Eis todo o parágrafo de Mário: "Eu passara esse ano de 1920 sem fazer poesia mais. Tinha cadernos e cadernos de coisas parnasianas e algumas timidamente simbolistas, mas tudo acabara por me desagradar. Na minha leitura desarvorada, já conhecia até alguns futuristas de última hora, mas só então descobria Verhaeren. E fôra o deslumbramento. Levado em principal pelas *Villes Tentaculaires*, concebi imediatamente fazer um livro de poesias modernas, em verso-livre, sobre a minha cidade. Tentei, não veio nada que me interessasse. Tentei mais, e nada. Os meses passavam numa angústia, numa insuficiência feroz. Será que a poesia tinha se acabado em mim? . . . E eu me acordava insofrido." ("O Movimento Modernista", in *Aspectos da Literatura Brasileira*, São Paulo, Martins, s/d, p. 233). Note-se que Verhaeren era poeta simbolista.
- 7 RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Do Barroco ao Modernismo*. São Paulo, Conselho Estadual da Cultura, 1967, p. 242.
- 8 PICCHIO, Luciana Stegagno. *La Letteratura Brasiliana*. Milão, Sansoni/Accademia, 1972, p. 466.
- 9 BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro* (Antecedentes da Semana de Arte Moderna), São Paulo, Edição Saraiva, 1958, p. 26.
- 10 ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo, Martins, s/d, p. 234.
- 11 *ob. cit.*, p. 464-65
- 12 *ob. cit.*, p. 285
- 13 *id.*, *ibid.*, p. 286
- 14 *ob. cit.*, p. 278, nota 64
- 15 *ob. cit.*, p. 286
- 16 Citado por Mário da Silva Brito, "A Revolução Modernista", in *A Literatura no Brasil*, 5, 2ª ed, Rio de Janeiro, Sul Americana, 1970, p. 14.
- 17 V. A. Coutinho, *ob. cit.*, p. 286, nota 76.
- 18 *id.*, *ibid.*, p. 271
- 19 artigo em *O Jornal* do Rio de Janeiro, de 10/12/44.
- 20 *ob. cit.*, p. 431
- 21 V., p. ex., Mário da Silva Brito, *Poesia do Modernismo*, Rio, Civilização Brasileira, 1968, p. 59.
- 22 *ob. cit.*, p. 284,
- 23 LIMA, Alceu Amoroso. *Introdução à Literatura Brasileira*. Rio, Agir, 1956, p. 167 e sgs.
- 24 IVO, Ledo. *Modernismo e Modernidade*. Rio de Janeiro, Livraria S. José, 1972, p. 26.
- 25 V., p. ex., José Aderaldo Castello, *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*, São Paulo, EdArt Editora, 1961, p. 196.